

ECONOMIA

Economia - Brasil

Déficit menor em janeiro

■ Cancelamento de licença beneficia balança e reduz rombo a US\$ 664 milhões

JANES ROCHA

BRASÍLIA - O déficit da balança comercial foi revisto de US\$ 717 milhões para US\$ 664 milhões, em janeiro, depois do cancelamento de licenças de importações pedidas e não realizadas. Este foi o resultado de importações de US\$ 4,578 bilhões menos as exportações de US\$ 3,914 bilhões. No acumulado de fevereiro, a balança comercial estava deficitária, até anteontem, em US\$ 164 milhões, conforme antecipou o Secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros.

O efeito da desvalorização das moedas asiáticas sobre as contas comerciais brasileiras começou a aparecer mais claramente: os asiáticos venderam mais para o Brasil e compraram menos. O detalhamento da balança comercial do primeiro mês de 1998 – e dois meses depois do início da crise –, mostrou que as importações brasileiras nos países daquela região cresceram de US\$ 587 milhões em dezembro para US\$ 710 milhões em janeiro, elevando a participação na pauta de 11,2% para 15,33%.

O Japão, responsável por 45% das compras pela região, diminuiu em 15,5% as importações, de US\$ 239 milhões em janeiro do ano passado para US\$ 202 milhões agora. Os principais produtos exportados pelo Brasil para o Japão são alumínio, café e celulose. No total, as vendas brasileiras para a Ásia caíram 19,7%, a maior queda relativa entre os principais blocos regionais, reduzindo a participação da Ásia na pauta brasileira de 15% para 11,2%.

Importações – As importações estão reagindo pouco às medidas de contenção adotadas pelo governo no ano passado. Segundo informações divulgadas ontem pelo Ministério da Indústria, Comércio e Turismo (Mict), o Brasil importou em janeiro US\$ 4,578 bilhões. Mesmo que caiam US\$ 200 ou 300 milhões em fevereiro, segundo as previsões do mercado, a mé-



Mendonça de Barros e Maurício Cortes: a desvalorização das moedas asiáticas começa a surtir efeitos

dia do bimestre deve ficar em torno de US\$ 4,4 ou 4,5 bilhões, muito acima dos US\$ 3,437 bilhões da média do primeiro bimestre do ano passado.

Com todo o aperto já feito nas importações – elevação de alíquotas, restrição a financiamentos e barreiras não-tarifárias – o governo ainda não tem conseguido baixar substancialmente o déficit da balança, mas comemora pelo menos a perda de velocidade do crescimento das importações e um maior ritmo de aumento das exportações. “Em 96, as exportações cresceram apenas 2%, enquanto as importações avançaram 22%.

Em 97, essa diferença diminuiu: as importações cresceram 15% e as exportações, 10%”, explicou o Secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Carlos Nascimento. O objetivo da política econômica do governo, diz, é “conter o crescimento

das importações e melhorar o desempenho das exportações”, sem qualquer pretensão de eliminar o déficit pela redução das compras no exterior.

Exportações – Aliás, em janeiro houve forte queda nas exportações dos principais produtos da pauta: farelo de soja (-39,8%), carne de frango (-41,7%), celulose (-15,8%), alumínio bruto (-36,8%) e suco de laranja (-30,3%). Segundo o Secretário de Comércio Exterior do Mict, Maurício Cortes, “as exportações desses produtos estão caindo no mundo inteiro, parte por influência da crise asiática, parte pela sazonalidade”. Mas outro problema está afetando as vendas das principais *commodities*: a queda de preços no mercado internacional.

Do lado das importações, Ásia e Oriente Médio foram os únicos blocos de países que elevaram suas vendas ao Brasil, relativamente. A participação

dos demais blocos (Aladi, Mercosul, Estados Unidos, União Europeia e África) ficou praticamente estável no período. As exportações para os Estados Unidos caíram 1% (US\$ 772 milhões), enquanto as importações caíram 11,7% (US\$ 1,156 bilhão).

Por outro lado, o país ganhou espaço nos mercados russo e polonês, que elevaram suas compras de produtos brasileiros, especialmente açúcar em bruto, cigarros e óxido e hidróxido de alumínio. A Rússia elevou suas compras no Brasil em quase 500%, de US\$ 23 milhões em janeiro de 1997 para US\$ 126 milhões em janeiro último e a Polônia em 600%, de US\$ 3 milhões para US\$ 21 milhões. “Houve uma abertura excepcional desse lado do mundo, que será elevada com a criação da companhia seguradora de exportações”, comentou José Roberto Mendonça de Barros.